



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12613 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

PARA QUE SERVE A ESCOLA: inter-relações identidade e cultura escolar

Nailde Almeida de Santana dos Santos - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA -
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Taciana Vanessa Santana Rios - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA -
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

PARA QUE SERVE A ESCOLA: inter-relações cultura e identidade escolar

1. Introdução

A escola como instituição social é espaço de construção de conhecimento, convívio e de estabelecimento de relações pessoais que impactam as experiências de vida das pessoas por diferentes influências políticas, econômicas, tecnológicas e culturais. Essa dimensão formativa tem provocado fortes debates a respeito do papel e finalidade da escola na sociedade atual. Nesse sentido, o trabalho pedagógico desenvolvido precisa ser concebido nos processos de planejamento de modo a assumir no cotidiano institucional seu compromisso social.

Assim, este estudo apresenta como objetivo discutir a função da escola na perspectiva da cultura e da identidade dos sujeitos que compõem o contexto da educação escolar, por acreditar que a cultura escolar e a cultura de escola podem ser determinantes na formação identitária desses sujeitos. Trata-se de uma pesquisa em andamento, com caráter exploratório, abordagem qualitativa. O texto está organizado em três questões que operam na discussão do referido objetivo, apresentando dados relativo à questão ‘para que serve a escola’, com participação de vinte e oito estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, em escola pública municipal da rede pública de ensino, localizada na Região Oeste da Bahia,

no município de Angical, Bahia.

A escola é espaço de construção de conhecimentos historicamente construídos que perpassam gerações, pelo fato de ser necessário para a construção identitária de um povo. É no contexto da escola que a educação escolar acontece e promove mudanças culturais ao passo que é também transformada. Forquin (1993), diz que existe uma relação íntima e orgânica entre cultura e educação, pois a educação no sentido mais amplo de formação e socialização do indivíduo, restringe-se ao domínio de seu significado no contexto escolar, reconhecendo que toda educação é sempre educação de alguém por alguém. Assim, a escola se torna um espaço privilegiado na promoção de ações educativas.

Nesse contexto, o espaço escolar é impactado pelo avanço da tecnologia e processo de globalização mundial, conseqüentemente, enfrenta conflitos de muitas naturezas, caracterizado por Hall (1992), como de crise de identidade. Vale destacar que, essa crise constitui um complexo e amplo processo de mudanças, com deslocamento para a organização do trabalho pedagógico e formativo escolar, contextos que abordam questões, fenômenos e problemáticas de estruturas centrais das sociedades.

O século XXI, segundo Sibilía (2012) está carregado de tantas surpresas que ostentam seus feitiços tecnológicos e estilo de produção de vida num mundo globalizado, que é relevante refletir se a escola se tornou obsoleta diante desse cenário? Sem dúvida, esse questionamento é bastante provocativo e a própria autora afirma ser difícil encontrar uma resposta categórica, especialmente por existir vários fatores que precisam ser levados em consideração, como o peculiar entorno sociocultural, econômico e político no qual a escola é instituída e precisa ser instituinte. Por isso, torna-se significativo problematizar reflexões sobre a questão: para que serve a escola?

2. Escola e os diálogos entre cultura e identidade escolar

Historicamente, a educação escolar brasileira é impactada pelas diferentes influências de políticas neoliberais que atendem aos interesses da classe dominante (SAVIANI, 2019). Esse cenário apresenta um panorama de constituição dos contextos e cenários políticos pelos quais as primeiras escolas foram construídas no Brasil, cujos processos de instrução pública, segundo o autor, produziram determinantes sociais que perduram até os dias atuais.

As discussões inerentes às questões educacionais, sempre ocuparam lugar de destaque com participação efetiva dos estudiosos que produzem conhecimentos na área educacional. Essas produções vêm se intensificando e apontando causas da crise de reconhecimento social da educação escolar e, por conseguinte, da escola. Esse processo decrescente de desvalorização da escola se dá em função da invisibilidade dos grandes desafios enfrentados pela educação escolar e seus profissionais, inseridos na complexidade da

sociedade contemporânea. (DUARTE, 2010; SAVIANI, 2019).

Na perspectiva pós-crítica, destacamos a contribuição de Sibilía (2012) ao afirmar que há uma divergência de época entre os colégios e seus alunos na contemporaneidade, que se firma e se reforça dia a dia na experiência de milhões de crianças e jovens de todo o mundo. A autora destaca que há explicações históricas e antropológicas para essa crescente discrepância entre a escola e os jovens de hoje, cujos anúncios dizem que a escola, como instituição social precisa ser reestruturada em todos os seus aspectos, sejam físicos ou curriculares de modo a diminuir os distanciamentos entre o estudante e a escola.

Do ponto de vista do currículo, esse distanciamento se configura como uma tarefa difícil e complexa por vários motivos. Primeiro porque, segundo Arroyo (2013), o currículo é um território de disputa que coloca em jogo os interesses da classe dominante e o utiliza como estratégia de controlar o conhecimento a ser produzido na escola. Segundo, porque diante da heterogeneidade cultural de nossos estudantes, é difícil operar em um currículo homogêneo. (BARROSO, 2012). Assim, se torna necessário discutirmos a cultura escolar com olhar crítico e criativo diante do currículo operado na escola.

É difícil discutir a cultura escolar sem tratar de questões referentes ao trabalho dos professores, agentes responsáveis por transmitir e produzir cultura na relação estabelecida entre os processos de ensino e de aprendizagem. Refere-se também ao currículo materializado na escola, produzido na conjuntura de diretrizes e normativas que orientam a prática pedagógica dos professores, beneficiando ou não aspectos identitários dos agentes da escola. Assim, a ambiência escolar se configura como espaço de construção identitária do professor, com a sua profissionalização baseada na relação com o outro e com o saber.

A relação com os estudantes oportuniza a tessitura dessas experiências, por meio da apropriando de saberes que transformam a si mesmo, bem como modificam o convívio e as formas de socialização de diferentes culturas. Por isso, é relevante a contribuição de Barroso (2012), ao afirmar que o conceito de cultura escolar tem sido utilizado com o objetivo de evidenciar a função da escola como transmissora de uma cultura específica, sobretudo, com base nos processos de socialização e integração de crianças e jovens.

Barroso (2012), nos convida a refletir a respeito da necessidade de mudança no campo estrutural, curricular e pedagógica da escola, cuja finalidade é buscar o atendimento das necessidades das juventudes no âmbito da educação escolar atual, que emergidos na efemeridade das informações e comunicação midiática, se deparam com conflitos internos e externos que interferem e mudam seus aspectos identitários. Daí a importância de refletir sobre identidade escolar.

O sentido de identidade é bem complexo por estar situado no campo da singularidade e da subjetividade das pessoas, sobretudo, porque é construído por meio do convívio social. A construção da identidade de uma pessoa é formada de acordo com as relações pessoais e sociais que ela estabelece com o outro. Nesse sentido, nas relações estabelecidas no âmbito da

educação escolar, a identidade escolar também é construída nessa relação social e interacionista com as pessoas que fazem parte desse contexto. Desse modo, ao passo que a escola contribui na constituição da identidade de seus agentes, esses também são responsáveis pela constituição da identidade da escola.

Hall (2006) apresenta contribuições concernentes a definição de identidade escolar ao apresentar três concepções de identidade do sujeito, a saber: iluminismo, sociológico e pós-moderno. Para o sujeito iluminista sua identidade é focada no eu, na razão, o homem é o centro do conhecimento; o sujeito sociológico, cuja identidade é formada na interação com o outro e, por fim, o sujeito pós-moderno que altera sua identidade através do meio cultural e, ao mesmo tempo, altera a cultura. Neste último caso, consiste numa identidade móvel que muda e é transformada simultaneamente, na qual a identidade do sujeito é construída historicamente e não biologicamente.

3. Percurso metodológico: achados da pesquisa

A investigação foi realizada em uma escola da rede pública municipal situada no município de Angical, Bahia, com a participação de 38 (trinta e oito) estudantes matriculados nos anos finais do Ensino Fundamental. A pesquisa tem caráter exploratório, com abordagem qualitativa (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1999). Para geração de dados, optou-se pela técnica e instrumento, questionário, com a apresentação de uma questão norteadora, a saber: Para que serve a escola? Os dados obtidos foram analisados à luz do aporte teórico de Yong (2007); Barroso (2012); Sibilia (2012) e Hall (2006).

Na perspectiva da cultura escolar e da cultura de escola discutida por Hall (2006) e outros autores, entendemos que a função da escola e sua importância na construção identitária de seus agentes são processos que transmite e promove cultura. Para contextualizar essas reflexões, os participantes da pesquisa responderam ao questionário, com a finalidade de apresentarem as suas percepções acerca da questão norteadora do estudo. Os dados coletados indicam que as opiniões são divergentes e convergentes, com base em autores considerados críticos e pós-críticos. As respostas foram categorizadas em quatro grupos, conforme disponibilizado no quadro 01:

Quadro 01: Para que serve a escola na perspectiva dos estudantes

Grupo	%	A indicação da escola
Grupo 01	52,64%	Espaço de aprendizagens para variadas finalidades.
Grupo 02	26,31%	Seu trabalho formativo não atende aos interesses dos estudantes
Grupo 03	13,15%	Não tem função na vida dos estudantes
Grupo 04	7,9%	É lugar de convivência similar ao que se vive em família

No conjunto das informações apontadas pelos 38 participantes, 52,63% se posicionaram afirmando que a escola serve para ensinar a ler e escrever, ter novos conhecimentos e melhorar na aprendizagem, anunciando o desejo de fazer uma faculdade, ter uma vida melhor no futuro, ter um bom emprego e ser bons cidadãos, eles demonstram acreditar no poder do trabalho da escola como espaço de transmissão e promoção de culturas. Para Barroso (2012), a escola não pode ignorar sua dimensão cultural, seja em uma perspectiva global com a relação que se estabelece com a sociedade, seja na função das próprias formas culturais que ela produz e transmite.

No segundo grupo, estão 26,31% dos estudantes que relata gostar da escola, No entanto, os participantes consideram que as informações disponibilizadas pelos professores são desatualizadas. Isso, em virtude da pouca utilização das tecnologias da informação e da comunicação no contexto escolar, bem como, a falta de flexibilidade nas regras de convívio quanto a utilização de aparelhos celulares pelos estudantes. Esse contexto indica fragilidades na cultura de escola. Por isso, é importante refletir com base nos ensinamentos de Sibília (2012), que as subjetividades se constroem nas práticas cotidianas de cada cultura.

No terceiro grupo, 13,15% dos estudantes afirmam que a escola não serve para nada, que é uma prisão e que acreditam que noventa e cinco por cento do que lhes é ensinado não é utilizado em sua vida, anunciando que a escola só tem aumentado o seu grau de ansiedade e prejudicando sua saúde mental. Para Sibília (2012), tanto os componentes escolares quanto seus modos de funcionamento já não entram em sintonia com os jovens do século XXI.

Já no quarto e último grupo, 7,89%, dos estudantes relacionaram a escola a uma família. Segundo eles, é um lugar para distrair e encontrar os amigos. Nessa perspectiva, Young (2007) nos chama a atenção para o que está sendo ensinado na escola e para quem está ela servindo ou sendo servida. Essa crítica também sinaliza a necessidade de analisar os conteúdos escolares que são compartilhados e, desse modo, suscita a demanda de se rever os mecanismos de produção da cultura de escola (BARROSO, 2012), e investindo em melhoria das condições de trabalho dos professores, da formação docente e aquisição de recursos didáticos e tecnológicos que possam colaborar com as práticas cotidianas de constituição de subjetividades e identidades.

3.Considerações finais

O estudo realizado objetivou apresentar reflexões acerca da função da escola na perspectiva da cultura e da identidade dos sujeitos que compõem o universo escolar, num diálogo entre os paradigmas críticos e pós-críticos. Nesse sentido, buscou-se estabelecer as relações entre a identidade e a cultura escolar, por meio da sinalização dos desafios inerentes a

escola na contemporaneidade.

A partir dos dados coletados é possível inferir que os estudantes estabeleceram um importante diálogo a respeito das questões relevantes acerca da função social e político da escola frente aos desafios impostos pela dinâmica social. Assim, a investigação realizada proporcionou a compreensão que, a escola para manter seu compromisso social diante da excludente divisão de classes na sociedade contemporânea, faz-se necessário uma reflexão profunda no contexto escolar com a finalidade de ressignificar a sua dinâmica de organização do trabalho pedagógico, as práticas pedagógicas e as relações estabelecidas, a partir da escuta dos estudantes, seus principais sujeitos.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith, GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais, pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.

ARROYO, Miguel G. **Currículo, Território em Disputa**. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BARROSO, João. **Cultura, Cultura Escolar, Cultura de Escola**. Princípios gerais da administração escolar. Marília, v, 1, 2012.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Tradução: Guacira. Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução de Tomas Tadeu da Silva. Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP e A., 2006.

MARTINS, LM., and DUARTE, N., orgs. **Formação de professores: Limites Contemporâneos e alternativas necessárias** [online]. São Paulo: Editora UNESP: São Paulo: Cultura acadêmica, 2010. 191 p. ISBN 978-85-7983-103-4. Available From SciELO Books <<http://books.scielo.org>>

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 5.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2019.

SIBILIA, Paula. **Redes ou Paredes**: a escola em tempos de dispersão. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012, p. 9-43.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? In: **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 101, p. 1287-1302, ser/dez. 2007.